

13º Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste
03 a 06 de setembro de 2007, UFAL, Maceió (AL)

Grupo de Trabalho: Juventudes Contemporâneas entre o Urbano e o Rural: Aproximações e Diferenças. Coord. Marilda A. Menezes (UFCG)/ Tereza Queiros (UFPB)

Título do trabalho: Jovens de ontem, adultos e idosos de hoje: memória de migrantes de retorno em Pernambuco.

Autor (a): Sandra Roberta Alves Silva

Instituição: UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: sandra_roberta@yahoo.com.br/ sandrar.alves@hotmail.com

Jovens de ontem, Adultos e idosos de hoje: memória de migrantes de retorno em Pernambuco.

Sandra Roberta Alves Silva¹

Introdução

Este artigo busca compreender a partir da memória de migrantes que retornaram de São Paulo a Pernambuco, suas condições de reprodução social no município em que viviam quando jovens – Taquaritinga do Norte, especificamente do distrito de Pão de Açúcar, e suas experiências de vida em São Paulo.

As lembranças da infância e juventude dos migrantes estão relacionadas com a família, as festividades e o trabalho na agricultura. O desejo de migrar da juventude, buscando uma nova oportunidade de vida, está perpassado pelo sentimento de saudade dos que ficam e a incerteza do futuro. Ao chegar em São Paulo, nas décadas de 60 e 70, o grupo de Nordestinos se situam em dois bairros bem próximos, como forma de aliviar as tensões impregnadas diante desse mundo de descobertas. A grande maioria se concentrou em bairros de São Paulo, como Vila Alpina e Parque São Lucas, onde se reuniam para trabalhar com a fabricação de calçados, nos fundos dos quintais, chegando em alguns casos a constituírem empresa.

Ao longo dessa época há várias idas e voltas, e por volta da década de 80, há uma “migração de retorno”, devido à impossibilidade de sobrevivência e fixação nas cidades do Sudeste. Ao retornar à terra natal, as possibilidades de sobrevivência com a agricultura eram limitadas, levando portanto os migrantes regressos a optar pela “Sulanca”² como alternativa de trabalho, envolvendo praticamente todos os membros da família.

Ao escolher a metodologia da história oral, pretende-se fazer uma tentativa de compreender o processo de migração e seus desafios, além de entender de que forma o “retorno” pode relacionar-se com a perspectiva de vida atual na sociedade local. Halbwachs (2006) apreende o estudo da memória não por ela mesma, mas pelos “quadros sociais”, não se resumindo ao indivíduo, mas à sua realidade interpessoal no que diz respeito ao relacionamento com a família, escola, igreja, profissão, dentre outros grupos sociais. Considera

também que sob a menor alteração do ambiente há possibilidade de atingir a qualidade da memória individual, amarrando-a à memória do grupo, além de entender a linguagem como instrumento socializador da memória.

Através do desafio de estar *“reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo o que somos e fazemos”* (Bourdieu apud, Menezes, 2005, p. 34) busca-se entender que falar de memória é antes de tudo um mergulhar na história de vida das pessoas que de alguma forma se entrecruzam. Diante de tal fato, ao observar as narrativas a seguir pretende-se levá-las em consideração, analisando as condições de sobrevivência em seus lugares de origem desde a infância à juventude, os motivos que os levaram a migrar, o retorno e as condições atuais, além da relação de solidariedade que perpassa a todo momento a história de vida dos migrantes.

Infância e Juventude

Neste momento, ao referir-se à Infância e a Juventude, percebe-se que estas são marcadas por lembranças acentuadas de momentos de sociabilidade principalmente no que diz respeito ao lugar de origem, à ligação com a família, às festividades religiosas com as festas de padroeiro que aglomeravam os moradores da vila; os casamentos, dentre outros festejos populares. Lembranças estas narradas com muito carinho, principalmente ao recordar da vida do Rio Capibaribe, que era considerado como um dos espaços de lazer da juventude daquela época, além do trabalho na agricultura, que era a forma de sobrevivência das famílias. Os migrantes entrevistados, filhos de pequenos proprietários de terra, em suas narrativas mencionam as dificuldades de trabalho na agricultura, além de recordarem que na época da seca os pais tinham que procurar outros meios, seja viajar para o sul de Pernambuco para comprar e vender mercadoria, seja trabalhar alugado, ou qualquer outra forma de arrumar a complementação da renda para a sobrevivência.

“[...] o Rio Capibaribe nessa época ele era perene, ele começou a cortar as águas de vinte anos pra cá, de vinte anos pra trás as águas eram perenes, corria de inverno a verão diminuía muito mas a cachoeirinha continuava descendo. [...] eu me lembro que no mês de setembro, outubro, novembro e dezembro época de pleno verão, março a gente mãe ia lavar roupa no rio, a cachoeira continuava descendo, pouquinho mas descia. É disso que eu tenho saudade, se você me perguntar o que você guarda de bom, alguma lembrança boa, tá aí uma, as cachoeiras do meu Rio Capibaribe, que eu ainda alcancei vivo, uma descia de rio. A gente brincava naqueles bancos de areia, a água a gente via os peixinhos lá embaixo, a gente bebia a água dele, tomava banho bebendo a água de manhãzinha, não tinha nada, não tinha uma dor de barriga, água pura, água que vinha minando da sua nascente [...] (Otávio, 47 anos. Migrante nas décadas de 70 e 80)³

“[...] minha infância eu trabalhava limpando mato, apanhando café que meu pai tinha um pequeno sítio de café, e nós fazia isso, limpava mato apanhava café, fazia a colheita do roçado [...] num lugar chamado Ramos em Taquaritinga do Norte, depois de Mateus Vieira [...] era do meu pai, pequeno mas era do meu pai [...] ia de a pés ou de cavalo, de jumento [...] não gostava não, trabalhava demais, não ganhava quase nada e era ruim demais o serviço [...] meu pai as vezes costumava fazer algumas viagens vendendo calçado né, mas os lucros era pouco demais, era um complemento para vida né, ele sempre teve alguns negócio, agora tinha as revenda da produção do sítio né, banana, laranja, jaca, café, ajudava um pouco na manutenção da casa e a sobrevivência [...]” (Alfeu, 52 anos. Migrante na década de 70)⁴

“[...] na minha infância meu pai sempre trabalhou na roça [...] sim o sítio era dele mesmo e ele tinha trabalhadores pra ajudar ele, mas nós mulheres, nos éramos em três mulheres [...] quatro homens e nós éramos criança ainda, mas ajudava meu pai, nós nunca fomos trabalhar na enxada que meu pai nunca deixou as filha mulher limpar mato na enxada, mas a gente plantava, colhia, ajudava meu pai em cuidar do gado e dos animais e a gente sempre tava ajudando meu pai [...] meu pai era negociante, meu pai no tempo do inverno trabalhava, quando colhia, no tempo da colheita ele colhia agricultura, mas acabava, aí ele trabalhava negociando e ia pra o sul de Pernambuco, buscar farinha, feijão e açúcar, pra vender aqui [...]” (Maria, 65 anos. Migrante da Década de 60)⁵

A lembrança sobre as condições de vida enquanto crianças confirmam a pesquisa de Menezes (1985) com os agricultores do Alto Sertão Paraibano, que identificou a inserção dos jovens no trabalho familiar agrícola. Seu trabalho na agricultura geralmente está voltado para o auto-consumo, comercializando apenas aquilo que sobra, depois de guardá-lo para o longo tempo de seca. As dificuldades aqui percebidas se dão geralmente pela concentração fundiária, onde não é de interesse do processo de acumulação capitalista manter e garantir a existência desses pequenos proprietários. A seca por sua vez também vem a ser um agravante, mas não o problema fundamental.

Ao referir-se à juventude não se pode deixar de considerar a oscilação da juventude entre querer construir individualmente seu projeto de vida e o compromisso com a família, deixando evidente um forte sentimento de pertencimento (Carneiro, 1998). Diante da precariedade de sobrevivência na região, começa a despontar na juventude um aparente desejo de autonomia, não deixando portanto de considerar o envolvimento afetivo com seus familiares e a necessidade de auto-afirmação diante da sociedade, no que diz respeito ao sonho de conquistar uma profissão e condições de melhorar os padrões de vida. A migração como uma estratégia de conseguir atender as necessidades individuais e sociais dos jovens também são encontradas por Silva, M. (2006),

“Sem condições que lhes permitam a satisfação de suas necessidades de consumo próprias: o clube, a motocicleta, a roupa, etc., os jovens acabam encontrando na migração corte de cana-de-açúcar uma alternativa para a conscientização de seus projetos pessoais de autonomia...” (SILVA, M., 2006, p. 152).

Ressalta ainda, o que é relatado também pelos migrantes entrevistados colocando a migração como uma das saídas para a concretização de sonhos, vindo a ser uma *“opção sempre possível de ser concretizada e, portanto, como depositária de seus sonhos e esperanças”*. (SILVA, M., 2006, p. 106)

“[...] o que levou a gente ir embora é porque a gente queria mudar de vida né, aprender uma vida melhor porque trabalhando nas serra aqui não tinha condições, nem tinha nem tem, não nessa região[...]” **(Alfeu, 52 anos. Migrante na década de 70)**

“[...] Eu jovem, que todo jovem é sonhador, sonha com uma roupinha melhor né, um sapatinho, um tênis, o básico pelo menos, para ver se consegue namorar pelo menos né. Qual é o jovem que namora né, o jovem sonha em arrumar uma namorada sair pra um baile né, mas como? Com uma sandália Havaina, com uma de uma cor e outra doutra, a minha realidade era essa. Aprendi a fumar muito cedo, porque eu ia pro baile e num tinha dinheiro se quer pra comprar cigarro... isso aqui em Pão de Açúcar, que foi com que me fez migrar pra SP revoltado, por causa da pobreza tão grande e eu aprendi fumar apanhando pedaços de cigarro no chão dos outros, porque eu não podia comprar um cigarro, você veja situação do jovem da minha época, era uma coisa tão angustiante que eu não gosto nem de lembrar sabe.” **(Otávio, 47 anos. Migrante nas décadas de 70 e 80)**

Migração – A hora da despedida

Finalmente chega a hora da partida, e a música de Luiz Gonzaga vem narrar exatamente o sentimento expresso pelos familiares, e de modo particular o que viria a ser o momento da despedida:

Já vou mãe

Mãe eu vou-me embora a hora chegou
Deixo a senhora aqui
Vou contra meu gosto
Mas eu vou
Um dia eu volto
Para lhe buscar
Vou lhe fazer um pedido
Lembrando de mim não precisa chorar
Vou partir mas lembrarei

De escrever uma cartinha pois não vou guentar
Ficar tanto tempo sem pode lhe falar
Que seja ao menos por carta
Mas com a senhora eu vou conversar... (Luiz Gonzaga)

Diante de tal contexto, não se pode deixar de remeter-se a um fato social que narra um pouco da história de vida de jovens rurais migrantes, que diante da falta de perspectiva de vida e de sobrevivência são obrigados a se aventurar por um mundo que para eles sempre foi representado pelo “o quê se ouvia dizer” do que era a vida na cidade grande. Na dificuldade de desenvolver a agricultura na região e o sonho de arranjar uma profissão, colocaram-se a caminho cheios de esperança e seguiram na incerteza rumo ao desconhecido, idealizando sonhos e contrapondo seus ideais ao que de fato viria a ser real. Realidade esta encontrada por Silva, M. (2006) em sua dissertação, quando fala sobre migrações e identidades da juventude rural, relatando os sonhos e as dificuldades encontradas na cidade de origem até chegar à decisão de migrar para a zona canavieira de São Paulo,

“A migração aparece-lhe sempre como uma das saídas, uma opção sempre possível de ser concretizada e, portanto, como depositária de seus sonhos e esperanças. Neste sentido migrar é apostar no futuro, é resistir ativamente às forças do presente.” (SILVA, M. 2006, p. 106)

Percebe-se a força dos sonhos que também motivavam os migrantes de Pão de Açúcar, através do pequeno trecho de um dos relatos:

“[...] a gente ficava fazendo aquelas fantasia. Como será a cidade de São Paulo? Na cabeça né, na cabeça dos jovens que ficava. Eu mesmo era assim eu sonhava dia e noite com uma São Paulo, eu sonhava durante o ano é, eu sonhava milhões de vezes com uma São Paulo. Na minha cabeça que eu nunca tinha visto, e eu ficava pensando eu tenho que ir pra saber se é igual o sonho que eu tive. Será que a cidade de São Paulo é igual a que eu tava sonhando, igual eu sonhei.” (Otávio, 47 anos. Migrante nas décadas de 70 e 80)

Pernambuco / São Paulo

Fazendo referencia à migração não se pode deixar de considerar que tal questão surge muito antes. Segundo Silva e Menezes (2007), não podendo mais contar com a mão de obra escrava e nem estrangeira, restava apenas como alternativa para os produtores de café, os migrantes do Nordeste e de Minas Gerais que vieram para trabalhar como diaristas. Menezes (2004) em um artigo sobre Trajetórias Migratórias, descreve à partir de cada década

um pouco do desenvolvimento histórico da migração, situando a partir da década de 30, onde há um marco no processo de industrialização e da migração, devido à precariedade de trabalho. Destaca-se a saída da região Nordeste para o Sudeste, sendo oferecida uma mão de obra barata e desqualificada. Durante as décadas de 40 e 50, o desenvolvimento industrial torna-se mais forte, e cresce o fluxo migratório entre a região Nordeste e Sudeste principalmente depois do término da BR que ligaria o Sul ao Nordeste, considerando ainda um fator importante que foi a seca de 1953. Durante a década de 60 há uma esperança crescente de ascensão profissional, devido às inúmeras oportunidades de emprego mediante o desenvolvimento industrial naquela época, havendo assim “*uma possibilidade real de acumulação de recursos*” (MENEZES, 2004, p. 120).

Lopes (1971) observa as causas da migração à partir do avanço do desenvolvimento capitalista. Menezes (2004), dentre outros autores, defende que a migração constitui uma estratégia importante para as famílias camponesas, não se resumindo a regiões mais ou menos favorecidas, onde o sujeito é apenas um ser passivo diante de um processo determinado pela estrutura social ou acumulação capitalista. Vale considerar portanto que os sujeitos envolvidos são obrigados a tomar tal decisão em busca de uma nova estratégia e oportunidade de melhorar as suas condições de vida.

“[...] naquela época não tinha, o povo era tudo trabalhador, mas não tinha emprego. Era mais trabalhador do que hoje, porque hoje tem muita gente preguiço. Naquela época não tinha porque era pra cortar madeira, fazer calvão, essas coisa assim. Quer dizer era um povo muito trabalhador né, só que os emprego era limitado, era muito pouco. Até as despesa, até a bóia de comer tinha que ser limitado, que podia ser fraca como fosse, mas não tinha o suficiente pra você comer, pra encher a barriga, era pra comer tudo um pouquinho, que era pra dar pra todo mundo, que era muita gente e pouco alimento [...]” (Inácia, 57 anos. Migrante na década de 60)⁶

Ao ouvir a memória e trajetória dos jovens migrantes das décadas de 60 e 70, partindo de suas percepções do hoje como adultos, é observável que de fato estavam envolvidos no sonho de ir para São Paulo e o projeto de melhoria das condições de vida. Percebe-se em suas narrativas que Pão de Açúcar, na época uma vila muito pequena, não oferecia muitas alternativas de sobrevivência, não sendo diferente das demais cidades do nordeste. Tal situação não se diferencia do estudo sobre migração de Menezes (1985), que expõe algumas motivações que resultam na migração de grupos de pequenos proprietários, moradores e rendeiros, onde de forma particular o jovem era o que primeiro migrava devido às condições favoráveis no mercado de trabalho em São Paulo. Sendo tal migração constituída da seguinte forma: O filho mais velho vai e abre caminho para o mais novos; Os parentes que foram

primeiro mantêm contato e servem como ligação para os que se determinarem sair; As famílias gerenciam, facilitando o entendimento de quem vai primeiro e financiando a sua ida.

Da mesma forma se dava com a migração em Pão de Açúcar, sendo que as primeiras foram por volta da década de 50, onde parentes foram para o Parque São Lucas – SP e começaram a trabalhar com produção de sandálias. A partir de então, como a empresa estava crescendo, foram convidando outras pessoas para irem para São Paulo trabalhar.

“[...] as primeiras pessoas que migraram foram meus primos, Zé do Galo, João irmão dele e Tota, que era Antonio [...] 1958, não 1956 mais ou menos, eles foram embora, chegaram lá começaram a trabalhar em calçados e deu muito certo. Eles lá fabricavam e fizeram até micro-empresa de calçados, aí foi chamando as pessoas daqui de Pão de Açúcar, pra trabalhar com eles. Foi muita gente trabalhar com eles [...]” (Maria, 65 anos. Migrante da Década de 60)

A influência do empreendimento foi tão forte na vila que os que ficaram morando em Pão de Açúcar, ao ir visitar os parentes em São Paulo, trouxeram a idéia de montar também uma fábrica de calçados na própria vila, ensinando a muitos jovens que mais tarde migrariam também. Havia uma usina de descaroçamento de algodão que chegava como alternativa de trabalho temporário para os moradores locais, no entanto não conseguia nesta época absorver todos os jovens que sonhavam com uma profissão e muito mais com a ida para São Paulo e todas as oportunidades de emprego das quais ouviam falar, principalmente ao receberem cartas e presentes dos primeiro parentes que se aventuraram. Então muitos jovens, tanto homem como mulher, iam para São Paulo, levando consigo a imagem da vila de suas infâncias que deixavam para trás, repletos de novas perspectivas, mas com os olhos cheios de saudades e lágrimas, levando consigo também a incerteza de um futuro desconhecido.

A experiência da metrópole

Em São Paulo o jovem migrante se depara com um duplo aspecto de seus sonhos e esperanças, onde terá que trabalhar de forma particular com sentimentos inversos mas que a todo momento mistura-se “o *“real”*: sobreviver e *“ideal”*: conquistar melhores condições de sobrevivência” (MENEZES, 1985, p. 139). No entanto, a forte determinação de sair para poder construir uma base e em seguida levar os demais que ficaram em Pernambuco sem trabalho, era força encorajadora para enfrentar as dificuldades. A obstinação e o desejo de vencer fazia com que tais jovens enfrentassem corajosamente todos os obstáculos encontrados por um migrante em terra desconhecida, além do que os fatores climáticos, e de adaptação também

eram considerados pontos relevantes durante suas vidas em São Paulo.

“[...] não foi fácil, não foi fácil, porque deixar a casa dos pais pra ir morar na casa dos outros, foi muito difícil, eu sofri muito. Mas o meu intuito com o sofrimento naquela época, meus irmãos não faziam nada aqui, não tinha o que eles fazer, trabalhar. Agricultura já não era mais lá essas coisas, eles viviam sem trabalhar, já tudo rapaz, rapaz e moça, aí eu pensei, eu vou embora pra São Paulo, eu vou arranjar uma casa e vou levar tudo pra São Paulo [...]”
(Maria, 65 anos. Migrante da Década de 60)

“[...] no sonho a cidade era muito diferente da cidade que eu encontrei lá. No sonho não existia tanta fumaça, tanta agitação, tanta indiferença das pessoas né. É, no sonho a gente sentia mais calor humano, a gente se sentia mais realizado no sonho. E chegando lá, foi tudo diferente.”
(Otavio, 47 anos. Migrante nas décadas de 70 e 80)

Os migrantes de Pão de Açúcar em sua grande maioria se concentraram em bairros próximos como Vila Alpina e Parque São Lucas, como meio de levar consigo um pouco da cultura e das lembranças de sua terra natal, fato este identificado em outro estudo feito por Lyra (2003), onde demarca a concentração dos migrantes em determinados lugares permitindo a forte ligação com suas origens. Outro aspecto a ser considerado surge da experiência de trabalho que grande parte dos migrantes de Pão de Açúcar diferentemente do que é apontado como opção de trabalho, em metalúrgicas e outras indústrias de São Paulo, foram trabalhar em fábricas de calçados, montadas pelos primeiros parentes que decidiram migrar na década de 50, abrindo depois seus próprios negócios em fundos de quintais e até constituindo outras empresas, conseguindo realizar por sua vez o sonho de muitos migrantes nordestinos de trabalhar por conta própria.

“[...] tive o conhecimento pra um trabalho melhor porque a gente foi crescendo dentro da fábrica de calçado, três anos depois a gente começou a fabricar pra nós, parece mentira, mas quando foi oito meses depois nós compramos um fusca zero, um esforço muito grande... nós tivemos apenas dois funcionários, era pequeno, era num barraco de madeira que meu pai comprou a casa e nós construímos no quintal de casa. Foi assim que começamos a vida, e nós viemos construir depois das seis horas, depois de um dia de trabalho e aos sábados e aos domingos né. Começamos a fabricar assim, compramos as madeiras, compramos as telhas tudo velha né, emendamos uma na outra eu e Pacaré, nós dois com muito esforço e contente da vida porque nós ia mudar, ia sair do emprego pra fabricar, só que sofremos no início, mas depois deu certo.”
(Alfeu, 52 anos. Migrante na década de 70)

Idas e vindas

Neste momento a migração não marca uma ida sem volta, mas no contexto aqui proposto vem marcar o início de várias idas e voltas, que num constante transitar de experiências, segundo Silva e Menezes (1999) demarcam e ampliam seus conhecimentos. Além de proporcionar uma nova definição mediante a comunidade local, a qual nunca deixarão de pertencer, e que estará sempre presente no seu cotidiano através das redes sociais de solidariedade, constituídas à partir de relações baseadas no parentesco, amizade e conterraneidade (LYRA, 2003) como estratégia de sobrevivência pra enfrentar as dificuldades. Tal cooperação aqui é identificada pela ajuda mútua principalmente na chegada a São Paulo, onde não há no primeiro momento recursos para sobrevivência, necessitando portanto de acolhimento nas casas dos que já estavam estabelecidos. Vale considerar ainda que a casa de tais migrantes servia como ponto de apoio para os que iam e vinham constantemente, não significando uma estrutura física suficiente, pois uma casa de dois cômodos, geralmente situados em cortiços, permanecia de 6 a 8 pessoas.

As condições de moradia também foram observadas por Menezes (1985), tidas como alternativa permitindo a diminuição dos custos, possibilitando por sua vez a garantia para o mínimo em alimentação.

“[...] morei na casa de um primo meu, depois não deu certo eu ficar na casa deles, aí eu fui morar com outra prima [...] eu morei com os meus primos uns dois ou três anos só. Depois eu fui morar com os meus irmãos que eu mandei chamar eles par ir embora pra lá... a casa que eu morava era um quarto e cozinha... eram os dois irmãos com mulher e filho pequeno, tudo num quarto e cozinha. Mas logo, logo, cada um foi morar numa casa e eu fiquei com os meus irmãos solteiros... eram quatro irmãos solteiros [...]” (Maria, 65 anos. Migrante da Década de 60)

Durante as décadas de 70 e 80 observa-se o sonho de conseguir uma profissão, com um salário melhor e benefícios sociais; no entanto as várias idas e vindas de migrantes do Sudeste para o Nordeste e vice e versa, se dava devido às condições de moradia e trabalho com baixos salários, levando os migrantes a uma nova tentativa de refazer suas vidas em terra natal. Não obtendo sucesso voltavam para o Sudeste na esperança de encontrar alguma nova oportunidade.

“[...] já vim tentar morar aqui três vezes mas não dava certo, montei dois bares aqui e também não deu certo [...]” (Alfeu, 52 anos. Migrante na década de 70)

Diante das narrativas dos migrantes de Pão de Açúcar durante suas trajetórias de idas

e voltas, percebe-se que a ligação com a família sempre foi muito forte, levando e trazendo parentes todo o tempo. Mas há um fator importante a ser mencionado, que vem a ser a produção “doméstica” de produtos que sempre envolveram tais indivíduos. O que marca diferencialmente este povo é que, até mesmo os que tiveram outras experiências profissionais de trabalho em São Paulo, passaram de certa forma pelas fábricas de calçados de fundos de quintais, depois partiram para outros trabalhos ou começaram o seu negócio próprio.

O retorno

As histórias de sucesso antes de mergulhar na grande crise econômica que se inicia da década de 80 mostram que um dos motivos do retorno para o nordeste se deu a partir do momento em que a escassez de trabalho em São Paulo começou a ficar aparente, além do surgimento da produção de sandálias mais sofisticadas e incrementadas de novas tecnologias, tornando cada vez mais difícil os pequenos e micro-empresários do setor calçadista de Vila Alpina e Parque São Lucas continuarem trabalhando e competindo com um mercado cada vez mais inovador. Precisando, então, de alto investimento, que de fato seria um risco muito grande, posto que São Paulo já não oferecia as mesmas seguranças empregatícias e financeiras de outras épocas. O migrante nordestino continua no entanto, buscando formas de sobreviver e novas condições de vida, mas a lógica do capital que tem por objetivo desenraizar e movimentar o indivíduo rumo às determinações capitalistas, vem afirmando que *“o trabalhador tem uma pátria, enquanto que o capital não tem pátria”* (MENEZES, 1985, p. 150).

Quando decidiram voltar para o Nordeste continuaram a reproduzir tal fato, trocando de produto passaram agora a trabalhar com “Confecção”, que era conhecida na época que resolveram migrar como “Sulanca”. Deu-se início então na década de 80 a uma forte migração de retorno para Pernambuco, continuando por sua vez com as redes de solidariedade, que fez o movimento inverso, trazendo os parentes que estavam em São Paulo em uma situação desfavorável para trabalharem em Pernambuco com até então conhecida “Sulanca” situação esta que *“influenciou provavelmente o comportamento do fluxo migratório que afluiu para a região, ampliando o número daqueles que retornaram para fixar residência”* (LYRA, 2003, p. 72).

Alfeu: [...] Nós conseguimos pagar uma casa e quando isso aconteceu, nós começamos a regressar para o Nordeste de novo de um por um, porque não tava mais dando certo mesmo com a compra do carro novo, os comércio caíram demais, que sandália não dá todo tempo, não é como o pano aqui na Sulanca que eu digo que dá todo tempo, mesmo que seja pouco, mas dá todo

tempo. Em São Paulo no frio não se vende sandália, o nosso fabrico era sandália né, aí o que acontece, primeiro veio Bibi, que é Demóstenes José Bezerra né, depois veio Pacaré, que é Francisco José Bezerra, depois veio Alfeu José Bezerra, depois Josenilton veio depois de mim que é o Nenê, depois Iva quando casou com o finado Necão, aí por ultimo Lenice, aí encerramo. E nunca mais voltei pra morar[...]

Sandra: *E nesse meio tempo que vocês passaram lá, ficaram quantos anos mais ou menos em São Paulo?*

Alfeu: *Eu no vai e vem da vida como diz o velho ditado, pelo o que eu conheço da minha parte eu passei 10 anos[...]*

Sandra: *Você acha que não deu mais pra ficar com a sandália, porque? Qual foi o motivo?*

Alfeu: *Aconteceu que veio mais calçado moderno, e a gente não tivemos condição de ir em frente, comprar máquinas modernas, o lucro era pouco não tinha como agir mais. Aí por sorte nossa viemos pra Pernambuco e começamos na Sulanca graças a Deus né. Que até hoje nós estamos na Sulanca, é o pano a confecção, mas quem começou com Sulanca é Sulanca até hoje.*

Sandra: *E lá em São Paulo ainda, vocês já sabiam da Sulanca? Como é que vocês sabiam que aqui tava dando certo?*

Alfeu: *As outras pessoas que já moravam aqui deram uma idéia pra nós, só que eu vim aqui duas vezes, tentar o pano só que a cabeça não dava, eu ficava cego quando eu olhava o ambiente, porque comércio se você não entender, se você não tiver o jogo de cintura não funciona.*

Sandra: *E é diferente da sandália?*

Alfeu: *É muito diferente, só que depois que você aprende é mais fácil, emprega mais máquinas, mas como é, na matéria prima é mais pouco. A matéria prima pra sandália dependendo da sandália se gasta mais que seis peças, e no pano só se gasta a linha, o pano e máquina, e o resto é decoração né, é idéia né. Por isso que o pano quando se aprende é mais fácil, eu acho que é mais fácil que calçado mil vezes.*

Sandra: *E aí vocês vieram pra Pão de Açúcar, e começaram a trabalhar com Sulanca?*

Alfeu: *Exato, todos nós até hoje graças a Deus!*

(Alfeu, 52 anos. Migrante na década de 70)

Fazendo uma análise dos depoimentos que se remetem à trajetória e memória dos jovens de ontem, adultos e idosos de hoje e suas histórias ao longo de uma trajetória de idas e voltas, sonhos e desilusões, conquistas e perdas, mas de uma profunda vontade de começar de novo; percebe-se que, ao contrapor passado e presente a partir de suas memórias, há um misto de sentimento de saudade, gratidão, boas e más recordações, de grande sofrimento e aprendizagem que perpassam a atual realidade da sociedade local.

Vale a pena observar também que outro fato acontece no que diz respeito à migração, que é a vinda de pessoas de várias cidades do interior de Pernambuco e de outros estados para a região conhecida como “Pólo de Confecções do Agreste”, mas o que diz respeito a este caso, deixaremos para um outro momento. O que pretende-se ressaltar contudo é que a região e de maneira particular Pão de Açúcar, desde os primórdios esteve envolta a um constante

processo de migração. No entanto tais trajetórias somente agora começam a ser estudadas e guardadas como memória de um povo que tem em sua história uma trajetória de constante busca por oportunidade, como nos mostra a narrativa abaixo:

“[...] na época que eu sai pra lá era uma pobreza muito grande, as pessoas não tinham nada na vida, só quando chovia e lucrava, e hoje não, a confecção dá muito emprego pra pessoas, só não trabalha que não quer, hoje não se ganha muito dinheiro mas pra sobrevivência que tem coragem de trabalhar, arranja a sobrevivência né. E por isso que hoje tem muita diferença daquele tempo [...] cresceu muito, porque muitas pessoas vieram morar em Pão de Açúcar, muita gente de fora que vieram morar em Pão de Açúcar, pelo motivo de Pão de Açúcar oferecer emprego pra essas pessoas. (Maria, 65 anos. Migrante da Década de 60)

“[...] Pão de Açúcar de hoje pra o de antes ele mudou, vamos supor de 50% pra 100% né, porque aqui não tinha emprego, aqui não tinha meio de vida nenhum, e graças a Deus agora, tem emprego, tem trabalho pra todo mundo, só não trabalha que não quer mas emprego não falta não, né. Não digo que ganha bem, mas ganha razoável que dá pra ir sobrevivendo, só não trabalha que é preguiçoso [...] naquela época Pão de Açúcar não tinha emprego, o emprego naquela época era o quê, era agricultura, era algodão, era apanhar feijão, era fava, apanhar café no brejo, que a gente foi muito apanhar café no brejo né. Não tinha emprego, os emprego era assim, era no pesado, muito sofrimento”. (Inácia, 57 anos. Migrante na década de 60)

É de extrema relevância portanto, observar através das narrativas dos migrantes, as relações com o trabalho e com a família, não deixando de considerar como as lembranças entre passado e presente se apresentam e se colocam como forma de *“refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”* (BOSI, 1998, p. 55). Sendo assim, não há possibilidade de falar sobre memória sem remeter-se a história e trajetórias de vida das pessoas, que segundo Bourdieu (1986) é um conjunto de acontecimentos originados de uma história e do relato dessa mesma história.

Mediante essas trajetórias, as lembranças são subdivididas em marcos da memória havendo pontos de grandes significâncias, que se concentram na vida de trabalho na agricultura, na ansiedade de conhecer uma nova terra e passar por novas experiências, nos vínculos familiares e de amizade, no forte desejo de retorno e na valorização do local de origem que vem como ponto culminante dessa trajetória. Segundo Halbwachs (2006), o homem mesmo em sua memória individual, está sempre ligado ao contexto social no qual se insere, deixando por um instante sua individualidade para fazer parte do todo. Seguindo tal idéia percebe-se a forte ligação na contextualização histórica, observando a confluência das narrativas, como força dessa consciência coletiva sem deixar de considerar a importância da

definição da identidade individual, familiar e de grupo.

Por fim, é de grande valor salientar a importância do registro dessas memórias que narram e expressam um pouco da vida dos migrantes nordestinos de Pão de Açúcar, na busca pela sobrevivência e de seus sonhos através das várias idas e vindas. Além de ser de significativo compreender os fatores e o contexto econômico daquela época e os meios de reprodução social das famílias, a fim de se analisar e contrapor à conjuntura econômica e social do presente no que se refere às condições de sobrevivência promovida pelo trabalho com a “Sulanca”, hoje conhecida como “Confecções”, contrapondo com o trabalho agrícola e a inserção da juventude em meio à sociedade no contexto atual. Vale ressaltar por tanto que o aprofundamento de tais questões se dará durante o processo investigação e construção da dissertação.

Bibliografia

BORDIEU, P. **“A ilusão biográfica”**. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaina (Org.). São Paulo: FGV, 1996.

BOSI, E. **“Lembrança de velhos”**. 3ª., São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, M. J. **“O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”**. In Teixeira da Silva, F.C., R. Santos, L.F.C. Costa (orgs.) - Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Ed. Campus/Pronex, 1998.

CUNHA, L. H., MENEZES, M. A. **“Espaço, memória e narrativa”** IV Encontro de História Oral do Nordeste. Campina Grande – PB, 2003.

HALBWACHS. M. **“A memória coletiva”**. São Paulo: Vértice, 2006.

LYRA, M. R. S. B. **“Sulanca X Muamba: Rede Social que alimenta a migração de retorno”**.

In. Movimentos Migratórios nas Metrôpoles. São Paulo em Perspectiva, v.19, n. 4, p. 144-154, out./dez. , 2005.

LOPES, J. R. B. **“Sociedade Industrial no Brasil”**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

MENEZES, M. A. **“História Oral: uma metodologia para o estudo da memória”**. Revista Vivência, n. 28, 2005.

_____, **“Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo para Paraíba”**. (Migração, família e reprodução da força de trabalho). Campina Grande: março, 1995. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba/ PPGS.

_____, **“Migration patterns of Paraíba Peasants”**. Latin American Perspectives, Issue 135, vol. 31 (2), março, 2004,

SILVA, M. A. M., MENEZES, M. A. **“Migrantes temporários: fim dos narradores”**. In: NEHO – História. Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. Nº. 1, novembro, 1999.

_____, **“Migrações Rurais no Brasil: velhas e novas questões”**. Brasília/ DF: Revista Eletrônica do NEAD, p. prelo, 2007.

SILVA, M. S. **“Entre o Bagaço da Cana e a Doçura do Mel. Migrações e identidades da juventude rural”**. Campina Grande – PB, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Campina Grande.

1 Mestranda em Ciências Sociais – UFCG/ PB.

2 Palavra popularmente conhecida originada da união de helanca (malha vinda do Sul do País) e a palavra sul = SUL + ANCA = SULANCA. Há também uma significação depreciativa relacionada ao produto algo como sucata. Tal hipótese tem mais fundamento sendo coerente com o princípio da coisa: coberta ou roupa feita pelo povo com pedaços de retalhos. Era coisa mal acabada, que de certa forma representava a origem advinda de uma região extremamente pobre que buscava sobreviver com meios próprios. Teve seu surgimento no final da década de 40.

3 Otávio, foi e voltou para São Paulo duas vezes. Em 1976 retornando em 1981, indo pela segunda vez em 1986 e voltando em 1991 para morar em Pão de Açúcar até a presente data.

4 O migrante Alfeu, foi para São Paulo por volta de 1970 com 15 anos de idade, passando 10 anos e retornando em 1980 definitivamente.

5 Dona Maria, migrou para São Paulo em 1966 aos 25 anos, permanecendo durante 25 anos e retornou em 1990.

6 Inácia foi pra São Paulo em 1967 aos 17 anos, retornando por volta em 1983.